

Série Vaga-Lume



OS PEQUENOS JANGADEIROS

Aristides Fraga Lima

Ilustrações

Rhadamés de Sant'Anna



editora ática

Este livro apresenta o mesmo texto das edições anteriores.

Os pequenos jangadeiros

© Aristides Fraga Lima, 1984

Editor
Coordenadora de revisão
Revisora

Antônio do Amaral Rocha
Ivany Picasso Batista
Cátia de Almeida

ARTE
Layout de capa
Diagramação
Arte-final

Ary A. Normanha
Elaine Regina de Oliveira
René Etienne Ardanuy

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

L696p
13.ed.

Lima, Aristides Fraga

Os pequenos jangadeiros / Aristides Fraga Lima ; ilustrações
Rhadamés de Sant'Anna. - 13.ed. - São Paulo : Ática, 2000.
96p. : il. - (Vaga-Lume)

Contém suplemento de leitura
ISBN 978-85-08-01762-1

1. Novela infantojuvenil brasileira. I. Sant'Anna, Rhadamés de. II.
Titulo. III. Série.

10-4490.

CDD: 028.5

CDU: 087.5

ISBN 978 85 08 01762-1

CL: 732009

CAE: 232190

2017

13ª edição

18ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061 – atendimento@aticascipione.com.br

www.aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



ENFRENTANDO OS DESAFIOS DE UM GRANDE RIO

*M*ário, Otávio e Marco Antônio queriam aproveitar bem as férias. Decidiram fazer uma excursão pelo rio São Francisco. E de jangada. Para isso, contavam com a ajuda do Velho Quinquim, um experiente pescador, que conhecia muito bem os segredos e perigos daquelas águas. Mas as surpresas acontecem quando menos se espera...

Em Os pequenos jangadeiros você viverá uma inesquecível aventura ambientada na região de um dos rios mais importantes do Brasil. Além de muita ação e momentos emocionantes, esta história apresenta ainda uma profunda mensagem de amor à natureza e um alerta sobre a necessidade de sua preservação.

Na companhia de Mário, Otávio e Marco Antônio, venha enfrentar todos os desafios da navegação fluvial e descobrir como é possível percorrer um rio tão grande numa embarcação tão pequena. Boa viagem.

Aristides Fraga Lima

Foi já na infância que Aristides Fraga Lima descobriu duas coisas que o fascinariam a vida inteira: os mistérios da natureza, tão bem retratados neste **Os pequenos jangadeiros**, e o gosto pela literatura. “Um dia vou ser escritor”, disse a seus pais, com apenas cinco anos. O sonho se tornou realidade. Nascido em Paripiranga (BA), em 1923, Aristides cresceu no interior da Bahia e Sergipe. Formado em Letras Neolatinas e em Ciências Jurídicas Sociais, foi professor de línguas. Outro livro publicado por ele também na Série Vaga-Lume é **Perigos no mar**. Faleceu em 1996.

A Solange,
esposa e companheira
incondicional de todos
os momentos

INTRODUÇÃO

Às margens dos grandes rios sempre cresceram importantes civilizações. Foi assim que se tornaram célebres, desde os tempos bíblicos, os rios Tigre, Eufrates e Nilo.

Entre os dois primeiros, nasceu a Babilônia; junto ao último brotou o Egito. Duas civilizações que, com o tempo, afastaram-se das águas daqueles rios, cresceram e foram modelos que até hoje são lembrados pela Humanidade.

Entre nós, no Brasil, o São Francisco é um dos grandes rios a atravessar nosso território. Filho da serra da Canastra, no Estado de Minas Gerais, percorre uma extensão de mais de três mil quilômetros em direção ao norte e ao leste, vindo lançar-se no Oceano Atlântico, onde desembocam suas águas.

Navegável em muitos trechos, o curso do São Francisco atinge os Estados de Minas, Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe. São muitas as cidades, e inumeráveis os povoados e vilas que nasceram e vivem às margens desse rio.

Dele, o homem tira tudo: a força das águas, o peixe da melhor qualidade, a água potável, e até os resíduos: o lodo que se deposita nas margens é fonte de vida, pois fertiliza as plantações ribeirinhas.

Entre as povoações nascidas às margens do São Francisco, destacam-se, pelo seu valor cultural e histórico, as cidades de Juazeiro, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco. Olham-se de frente, uma à outra, como partes de um mesmo fruto que as águas do grande rio dividem.

Aí, na cidade de Juazeiro, mora o menino Mário, que convidou a passar as férias consigo dois primos, Otávio, de catorze anos, e Marco Antônio, de doze, residentes em Salvador. É com eles que você vai conviver neste livro, acompanhando todas as etapas de sua interessante aventura.

Fraga Lima

1 — OS PRIMOS

— Pai, eles chegam hoje.

— Eles quem, filho?

— Os primos Otávio e Marco Antônio... Eu escrevi uma carta para eles convidando-os a passar as férias aqui.

— Ótimo, filho. Isto vai ser muito bom.

— Vamos esperá-los na Estação?

— Vamos.

Pai e filho olharam os relógios:

— Faltam duas horas ainda, pai, para o trem chegar.

— É verdade, Mário. Daqui a pouco iremos lá.

O Sr. Amâncio tomou um último gole de café e se levantou, disposto a sair.

— Vai sair, pai?

— Daqui a uma hora estarei de volta.

Mário e a mãe, sentados ainda à mesa, continuaram a conversar.

— Que bom, meu filho, que seus primos venham para aqui. Vocês vão ter umas ótimas férias. Vamos lá em cima preparar o seu quarto para alojar seus primos. Eles vão dormir com você lá em cima.

— Ótimo, mãe!

Quando o Sr. Amâncio chegou já tudo estava arrumado, o quarto de Mário com três camas.

— Está na hora, pai. Vamos à Estação?

— Vamos.

Lá chegando, não tiveram muito que esperar, pois o trem vinha no horário certo.

Os dois, de pé no calçadão da Estação, aguardavam a chegada do trem que já apontava na reta final. Até o bater do sino já se ouvia.

Passou a máquina, passou o vagão bagageiro, passou uma classe de passageiros, mais outra, mais outra... na quinta...

— Lá estão eles, pai! — gritou Mário.

O Sr. Amâncio olhou . . .

As duas carinhas alegres, sorridentes, olhavam para fora por uma janela do trem.

— Oi! — gritou Mário quando eles passavam, o comboio ainda em movimento.

— Oi, Mário! Oi, tio! — responderam eles com as mãos levantadas.

Os freios do trem chiaram e toda a composição parou.

Uma multidão se comprimia nas portas dos vagões buscando sair quanto antes, aos empurrões. Dentre ela escaparam os dois irmãos que vieram cair nos braços do tio e do primo na maior demonstração de alegria e felicidade.

— E o mano e a cunhada como vão? — perguntou o Sr. Amâncio.

— Vão bem, tio. E mandaram abraços para o senhor e a tia Maria — respondeu Marco Antônio.

— Mário, vamos pegar as malas no bagageiro — convidou Otávio.

Os dois se encaminharam para lá, donde voltaram logo, trazendo duas malas de mão.

Tomaram todos o caminho de casa.

No percurso já os três iam planejando o modo como gastar, com o maior proveito possível, o tempo das férias. Caçar, pescar, passear de barco — eram aventuras que haveriam de praticar naqueles dias.

Chegados em casa e recebidos pela mãe e tia, os três se encaminharam para o dormitório, onde Mário convidou os primos a olharem o rio São Francisco . . .

— Que beleza!

— Que maravilha!

Foram as exclamações dos dois recém-chegados.

E boquiabertos ficaram a olhar as águas.

O Sr. Amâncio chegou por trás e pondo as mãos na cabeça dos dois falou ao filho e aos sobrinhos:

— Quem vem passar férias nas margens de um rio, logo pensa em pescar, não é verdade?

— É mesmo, tio — responderam os dois irmãos.

— Pois bem. Vamos pensar nisto. E a melhor embarcação para se pescar é jangada: fácil de manobrar, leve, difícil-

mente vira, e, ainda que vire, não afunda; por isso, ninguém se afoga.

— Mas nós não temos jangada, pai — disse Mário.

— Isso tem jeito de ser resolvido. Vocês podem ir à casa do compadre Zeca, ou à sua oficina, e encomendar a ele uma boa jangada.

Ditas estas palavras, o que o Sr. Amâncio viu no semblante do filho e dos sobrinhos foram sinais de intensa emoção. Voltou-se e desceu a escada.

Os três meninos ficaram um tempo parados considerando o alcance daquelas palavras, depois romperam numa risadaria cheia de exclamações e perguntas sem respostas.

E logo combinaram que no dia seguinte estariam na oficina de seu Zeca para fazer-lhe a encomenda.

2 — O ARMADOR

Seu Zeca era um nome; e um padrão. Em trabalhos de madeira, ele entendia de tudo. Era carpinteiro, marceneiro e até entalhador, pois muitos dos móveis que ele fabricava traziam baixos e altos-relevos — florões e figuras exóticas que os enfeitavam. Não raro, até, fez alguma carranca para adornar a proa de algum saveiro ou barco que cruzava o grande rio São Francisco. De madeira, seu Zeca fazia tudo. Toda gente sabia disto e havia até quem dissesse que ele só não fazia dinheiro...

A oficina de seu Zeca ficava bem próxima à margem do rio, no lado da Bahia, na cidade de Juazeiro. Ali funcionava, inclusive, um pequeno estaleiro, donde, muitas vezes, seu Zeca viu escorregarem para a água do rio barcos feitos por ele, prontos para viajar, transportando cargas e gente, ou levando pescadores profissionais ao seu trabalho diário.